

A RELIGIOSIDADE COMO PRODUTORA DO ESPAÇO URBANO: ESTUDO DE CASO DO JUAZEIRO DO NORTE-CE: O ESPAÇO E O TEMPO DE SUA ORIGEM

Debate o Discusión em Teoría Social

GT 21 – Sociologia de La religión

LIMA, Ângela Kerley Pereira. Mestranda em Desenvolvimento Regional Sustentável,
PRODER/UFCa, angelalimaufc@gmail.com;

AGRA, Fernanda Silva Luna, Mestranda em Desenvolvimento Regional Sustentável, PRODER/UFCa,
joca.03@hotmail.com;

CHAGAS, Danyelle Queiros Lima. Mestranda em Desenvolvimento Regional Sustentável,
PRODER/UFCa, danyqueiros@bol.com.br;

GONÇALVES, Jaqueline Santos. Mestranda em Desenvolvimento Regional Sustentável,
PRODER/UFCa, jaqueline_goncalves@yahoo.com.br;

SILVA, Rebecca Isabelle Herculano, Mestranda em Desenvolvimento Regional Sustentável,
PRODER/UFCa, rebecaviolino@hotmail.com

Resumo

O artigo proposto tem como objetivo refletir acerca da influência das práticas religiosas na produção do espaço urbano em um caso específico do município de Juazeiro do Norte-CE.

Levando em consideração a historicidade das cidades – santuários: Hierópolis. O processo espaço – temporal de Juazeiro do Norte é marcado por particularidades do contexto geográfico nordestino brasileiro, que percorre a tradição agrária e os conflitos da seca às especificações das múltiplas espacialidades atuais do capital industrial. Ambos viesados pela tessitura do hibridismo: fé e comercio.

PALAVRAS CHAVES: Religiosidade, espaço urbano, Juazeiro do Norte-CE

Introdução

“Cada sala um altar, cada quintal uma oficina”

Na síntese do discurso “cada sala um altar, cada quintal uma oficina” vemos fé e trabalho como um hibridismo indissociável nas relações sociais que deram forma e solidez a produção do espaço outrora vila, hoje, cidade. Um lugar que construiu sua identidade por meio do ideário de um homem conhecido no mundo simbólico dos seus devotos, como um santo, que empregou sua formação religiosa e educacional, sua inteligência política e econômica no contexto histórico de sua época.

A concretização socioespacial de Juazeiro do Norte-CE decorreu inicialmente de um processo ideológico religioso em um contexto geográfico inóspito de seca, ao mesmo tempo em que, se tornou fértil de carências materiais e de políticas públicas que assistissem as necessidades sociais específicas do lugar e do povo. Assim, seu espaço foi ganhando forma urbana no interior do Ceará, sertão nordestino brasileiro.

Atualmente, o município está entre os que mais crescem na econômica, na densidade populacional e em investimentos imobiliários no país. Para entendermos a produção do espaço urbano de Juazeiro do Norte em um ideário atual de “desenvolvimento” e sua relação com a religiosidade

personificada na figura do Pe. Cícero Romão Batista faremos um recorte histórico a partir dos contextos mencionados inicialmente.

Tentaremos discutir neste artigo as influências da religião na produção do espaço urbano com as seguintes temáticas: os arranjos espaciais simbólicos e a formação da paisagem religiosa, ambas, fundamentais para compreendermos a relação subjetiva entre as práticas místicas vividas com o lugar e o significado que lhe é atribuído. Segundo, as contribuições do Padre Cícero Romão Batista à formação socioespacial do Juazeiro do Norte- CE, hoje vista nacionalmente como a Cidade do Padre Cícero, e a influência territorial de Juazeiro do Norte na atualidade.

Religiosidade e Espaço Geográfico

A princípio somos tendenciados a inclinar nossa percepção acerca da produção do espaço geográfico a partir da materialidade dos objetos. O que é concreto, o que é visível e o que é palpável, por meio da captura do olhar. Talvez, por ser este um sentimento mais comum e mais ágil.

Um conjunto de formas, cores e temporalidade formam a peculiaridade de um determinado recorte geográfico, em que podemos chamar de paisagem. Uma categoria espacial que pode trazer várias decifrações do espaço socialmente produzido.

É preciso, no entanto, transpor a percepção material, pois para além dessa, a paisagem representa um significado simbólico e subjetivo nas relações sociais dentro do seu contexto espaço-temporal.

O espaço geográfico é produto das práticas sociais. Jamais compreendido fora da sociedade que lhe atribui um significado: o espaço vivido, no qual o homem comanda suas relações e produz suas próprias experiências.

Por isso, não se conseguiu medi – ló através da objetividade do que se apresenta materialmente lhe atribuindo uma característica geométrica para ser espaço. Merleau-Ponty (1945) expressa: “O espaço não é o meio (real ou lógico) no qual se dispõe as coisas, mas o meio pelo qual a posição das coisas se torna possível”. (p.281).

Apreendê-lo exige de nós a percepção dos fenômenos existentes entre as produções materiais do espaço, os símbolos, seus significados e o sentido que se atribui a elas norteados pela cultura do lugar.

“O espaço assume uma dimensão simbólica e cultural onde se enraízam seus valores e através do qual se afirma a sua identidade.” (BONNEMAISON, apud, ROSENDAHL, 2011, p.194)

O espaço e a paisagem enquanto formas da concreticidade, assim dizemos, tomam magnitude a partir da produção social que lhe são atribuídas e suas imagens traduz uma mensagem particularmente específica ao seu lugar e sociedade.

Bonnemaison (1981): “A paisagem é uma estrutura visível, na qual a mensagem que nela se escreve em termos geossimbólicos reflete o peso do sonho, das crenças dos homens e de sua busca de significação.” (p.249)

A religiosidade, dessa forma, no caso específico de Juazeiro do Norte-CE torna-se não só a principal fomentadora na conjuntura da produção do espaço urbano, mais um forte geossímbolo da identidade de um povo realizando sua própria cultura e dando um sentido ao seu espaço.

Geertz (1989) trás a ideia de religião como “um sistema de cultura, um sistema de símbolos capaz de tornar as coisas humanamente significativas.” (p. 104).

Norton *apud* Rosendhal (2001): “Os lugares simbólicos são criados pela ocupação humana dos espaços e pelo uso de símbolos para transformar aquele espaço em lugar.” (p.66).

A estátua e túmulo do Padre Cícero Romão Batista, o arco da Igreja dos Salesianos, a Igreja Matriz, o Cruzeiro do Horto, uma praça, um itinerário, entre outros, podem ser um ponto no espaço geográfico que fortalece a identidade de um grupo de pessoas na evolução de sua história. “É pela

existência de uma cultura que se cria um território, e é pelo território que se fortalece e se exprime a relação simbólica existente entre a cultura e o espaço.” (Bonnemaison, apud, Ronsendahl, 2011, p.187).

A religiosidade, portanto, espacializa-se criando uma paisagem religiosa a partir das relações estabelecidas entre o grupo que exerce seus desejos espirituais e expressa seus rituais no lugar.

A cidade de Juazeiro do Norte adquiriu uma característica peculiar em seu processo de produção espacial junto aos fenômenos religiosos, dos quais lhe são próprios.

Uma religião que tem no seu processo histórico social a consolidação de influência de poder político e ordem territorial, como o Catolicismo Apostólico Romano, desenvolve outra característica: produtora de um conjunto de arranjos espaciais peculiares capazes de identificá-la como uma das manifestações culturais predominantes do lugar.

A Igreja Católica enquanto a maior instituição política religiosa na história da humanidade mantém uma organização espacial estabelecendo territórios (igrejas matriz – micro território - paróquia) e exercendo territorialidades em função do objetivo de manter o poder em duas ordens: religiosa e política. “O território religioso se modifica para melhor corresponder a afirmação do poder. Ele responde a duas funções principais, uma de ordem religiosa e outra de ordem política”. (Rosendahl, 2011, p.195).

Na mesma discussão achamos de bom alvitre continuar com a autora: “as territorialidades religiosas, por sua vez, significa o conjunto de práticas desenvolvido por instituições ou grupos no sentido de controlar um dado território.”

A territorialidade dá sentido ao culto do sagrado criando um ambiente em rede com sentido não apenas por meio das impressões espaciais, mas, dos símbolos, festas comemorativas, das organizações sociais de grupos litúrgicos locais, procissões e percursos ritualísticos a pontos específicos no território possuidores de significado: “lugar sagrado”.

Sacramentado, portanto, um túmulo, uma estátua, uma casa, enfim, um objeto ou um espaço singular aos fatos históricos do fenômeno religioso oficializado pela instituição eclesiástica dos quais ganham valor de representatividade no mundo místico do devoto.

A religiosidade, dessa forma, constrói uma configuração espacial própria georreferenciada por seus símbolos e sua paisagem. Encontrando o real sentido no lugar de sua espacialidade por meios das formas e historicidade desses.

Torna-se possível caracterizar um espaço como sagrado, não apenas pelo uso do solo para a prática de um ritual, mas, pela rede de articulação, manifestação e produção econômica, política, social e cultural que fomenta à sua manutenção.

Segundo Rosendhal (2011), “Hierópolis ou cidade-santuário entendemos aqueles lugares considerados sagrados por uma dada população local, regional ou nacional. E possuem uma ordem espiritual predominantemente marcada pela prática religiosa da peregrinação e romarias ao lugar sagrado.” (p.209).

Nessas cidades existirá uma ampliação de demandas espaciais devido o calendário litúrgico. As festas comemorativas religiosas passam a fazer parte de outra dimensão: a cívica.

Um território com expressões culturais religiosas produtoras de espaços sagrados criam essas datas comemorativas, das quais fortalecem esses espaços como lugar, também, ao mesmo tempo atribuindo uma identidade cultural a esses.

Junto ao fortalecimento territorial com tais práticas, outras dinâmicas de produção econômica e entretenimento são criadas para atraírem o fluxo populacional intra- municipal religioso.

Devido os fenômenos religiosos: Padre Cícero e o Milagre da hóstia de sangue, o Juazeiro do Norte ganhou uma identidade religiosa fortemente marcante e particular ao seu recorte espacial. E, formando-se espacialmente sob a tessitura da produção pecuária ocorrida no nordeste brasileiro - do crescimento e propagação do catolicismo popular.

O processo de urbanização e concentração populacional se intensificou com as romarias sazonais à “cidade santa” que gera até os dias atuais demandas de serviços terceirizados e aumento demográfico em seus ciclos.

As demandas que nos referimos estão ligadas diretamente as ações de interferência econômica, política e ambiental, cujas tem um impacto, sobretudo na paisagem, acelerando o crescimento urbano com a falsa impressão de desenvolvimento.

Sendo inerente pontuar que a identidade e representação imagética do território juazeirense, não está apenas por fatos históricos existentes, mas, pela sombra da imagem do Padre Cícero e os feixes de sua trama, nos quais a política e o capital desde sempre se apropriaram com maestria.

A Tessitura Espaço-Temporal do Juazeiro do Norte – CE no Contexto da Formação Territorial do Nordeste Brasileiro: uma breve reflexão

O Nordeste brasileiro é marcada por fatos históricos importantes para o país. O lugar de aporte português, as primeiras explorações da matéria – prima e mão de obra no processo de colonização foram alguns dos fatos que fizeram desta região historicamente representativa no cenário brasileiro nos segmentos econômicos, sociais e culturais.

A formação regional do Nordeste brasileiro acontece por nuances que estão além das condições naturais do ambiente. Estão em ideologias econômicas e políticas de uma elite dominante e intelectual.

Conforme, Andrade (1976):

“O Nordeste é apontado como uma área de secas, que desde a época colonial faz convergir para região, no momento de crise, as atenções e as verbas dos governos; ora como área dos grandes canaviais que enriquecem meia duzia em detrimento da maioria da população; ora como área essencialmente subdesenvolvida devido à baixa renda *per capita* dos seus habitantes ou, então, como a região das revoluções libertárias de que fala o poeta Manuel Bandeira em seu poema *Evocação do Recife*. (p.35 grifo do autor)”.

O nome Nordeste incorpora um ideário complexo de uma classe dominante que através de seus interesses produziram o seu espaço de identidade social e cultural.

Albuquerque Júnior (2007:90): “A criação da ideia de Nordeste e, conseqüentemente, da ideia de ser nordestino, surgiram nesta própria área, foram produzidas pelas elites políticas e pelos letrados deste próprio espaço.”

O espaço como categoria de análise só pode ser entendido no momento em que é incorporado como parte essencial da produção social, sendo esta o principal sentido das particularidades de um lugar. “O espaço como instancia social é um conjunto inseparável de materialidade e das ações do homem.”(Santos, 2009, p.33).

Tratando-se das formas transformadoras da materialidade física e da condição social, o autor, define a formação econômica e o que é definido nos comportamentos sociais como sendo uma segunda natureza. Podendo ser entendida como a marca do homem no seu espaço produzido.

O aspecto social no espaço geográfico do Nordeste brasileiro, em seu processo histórico, só pode ser entendido na teia dos poderes: econômico e político, sobretudo, estes no pano de fundo de sua condição ambiental, a “Seca”.

A oficialização jurídica do Nordeste brasileiro enquanto região administrativa política é recente. Oficialmente o termo “Nordeste” aparece no momento em que o governo brasileiro institucionaliza o que era Inspetoria de Obras Contra a Seca – IOCS à Inspetoria Federal de Obras Contra a Seca – IFOCS delimitando sua área de atuação, em 1919.

A mudança esteve para além do termo, pois representaria uma instituição de responsabilidade da união com monopólio em uma área. A institucionalização seria a legalidade de transferência de verbas aplicadas em projetos voltados às problemáticas causadas pelos impactos inóspitos da seca.

A seca é uma peculiaridade da região, no caso mais específico o sertão no semiárido nordestino, lugar principalmente, da produção econômica vigente da época: cana-de-açúcar.

De toda a importância geográfica e histórica que possui o Nordeste as condições climáticas passaram a ser usada como estigmatização espacial. A Seca intitulando a escassez de água passaria a partir dos impactos na produção econômica a ser a vilã, ao mesmo tempo em que, tornara-se uma barganha política para arrecadação de verba nos discursos políticos.

Estes, por sua vez, não se concretizariam na prática administrativa em favor dos infortúnios vividos no âmbito social das classes pobres.

No momento que interferiu na condição econômica dos proprietários de terra, então as reivindicações no cenário político nacional seriam outras. “Enquanto a seca matava animais, escravos e homens pobres, ela nunca tinha sido considerada um grande problema, nunca havia despertado tanta atenção, seja nos discursos parlamentares, seja nos documentos oficiais, seja na imprensa”. (Albuquerque Júnior, 2007, p. 91).

A seca, caracterizada por escassez de água no Nordeste brasileiro, passaria a ser um grande infortúnio de devastação, principalmente, para o homem pobre nordestino.

Começamos a compreender a partir de então que o processo histórico do sertão nordestino é marcado pelo sofrimento mantido pela interpretação única de que seca é escassez de água e portanto uma fatalidade, de modo que, a ideologia determinista ambiental de Frederic Ratzel ganha notoriedade neste fenômeno. Somada ao fundamentalismo religioso de conformismo do castigo e do sacrifício.

Podemos pressupor que a base fundamental da identidade regional do nordestino deu-se através de imagens e textos construídos com base nos efeitos da seca e não nas suas causas reais, em que até os dias atuais dissociá-la da paisagem: de gado morto, chão rachado e retirantes flagelados cadavéricos e famintos torna-se difícil.

Mais, já outras representam a organização social da elite açucareira - engenhos, casa grande, trabalho negro, como também, a economia abalada pelo novo centro econômico, a região sudeste.

Esta região passa a centralizar a economia e construir sua identidade na modernidade, tecnologia e vida urbana sofisticada. Um modo de vida totalmente avesso a região Nordeste.

Outras imagens refletidas a partir do espaço geográfico nordestino no semiárido brasileiro são por meio das quatro temáticas, entre as quais duas apareceram como novas neste discurso. Além da seca, do coronelismo, surge, o cangaço e o fanatismo religioso. Todos estes interligados singularmente na trama histórica do Pe. Cícero e Juazeiro do Norte-CE.

Por meio destes que se retornam as imagens estereotipadas do nordeste. A vegetação seca e espinhosa; terra árida, rachada e improdutiva para diversidade alimentar; um povo violento disposto a matar a qualquer custo para sobreviver, portanto, um lugar inóspito para viver, em que só o homem nascido neste contexto a suportaria.

Outros personagens aparecem além do coronel e flagelado retirante. O jagunço, o cangaceiro, o beato e o romeiro, que entram em cena como parte importante e representativa do messianismo, fanatismo religioso no Nordeste, mais detalhado, adiante, no discurso do padre Cícero no seu tempo.

“O fanatismo religioso é tomado como mais um indicio do atraso, inclusive mental e psicológico, em que viveram as populações pobres da região, mas com grande repercussão nacional como canudos e Juazeiro do Norte.” (Albuquerque Júnior, 2007, p. 112).

Para os flagelados do sertão (Figura 1) só haveria uma forma de tentar fugir da morte: retirar-se do seu lugar de pertencimento. Muitos se tornaram retirantes ao rumo dos centros urbanos. Segundo Pe. Cícero, *apud*, Guimarães e Dumoulin (1983, p. 93) em carta a Dom Joaquim, só haveria uma chance para o sertanejo: “ou morrer ou ser retirante”.



Figura 1 – Retirantes da Seca no Ceará no ano de 1877

Fonte: Biblioteca Nacional, Fotografia de J. A. Corrêa

Os retirantes, com suas roupas gastas, famintos e dessolados não seriam bem aceitos nas cidades. A cidade seria o centro de lugar sofisticado e de aparência social desenvolvida. A realidade desses era outra: sem moradia, sem dinheiro e sem trabalho.

O número populacional nas cidades aumentou e diversos conflitos socioeconômicos ocorreram. Neto (2006): “No Cariri roubo, invasões e assassinatos se espalhavam nas propriedades. Grupos de cangaceiros se multiplicavam. De junho de 1876 a maio de 1877 foram registrados na província cearense 74 homicídios, 10 furtos e roubos de gado.” (p.78).

No contexto do Estado do Ceará já havia passado por outras secas alarmantes como a de 1793, 1825 e 1845, repetindo-se em todas elas cenas de extrema miserabilidade, calamidade pública e completa deterioração da condição humana.

As secas de 1877 a 1879, porém, teve um maior destaque pelo quadro de mortes por fome, sede e doenças em toda região do Nordeste, inclusive, neste Estado. Tendo uma repercussão de impacto social grandiosa através das primeiras fotografias divulgadas e dos textos produzidos em circulação nacional na imprensa da época.

Contudo, com menor impacto em relação ao Estado de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Bahia devido seu maior volume pluviométrico.

O Ceará possui uma formação geológica ao sul do Estado diferenciada do contexto sertanejo cearense. “A encosta da Chapada do Araripe, ao sul do Estado forma a região do Cariri, um verdadeiro oásis no sertão do semiárido do nordeste”. (Enciclopédia Dos Municípios Brasileiros [EMB], 1959, p.9).

Este oásis, uma particularidade natural a parte, dar – se por reservas de águas joradas em fontes devido as rochas sedimentares que formam a Chapada do Araripe, cuja inclinação está na direção geográfica cearense. Apesar desta contradição natural os infortúnios da seca estenderam – se a toda região cearense e do Cariri.

O Cariri Cearense e Juazeiro do Norte

O Juazeiro do Norte-CE localiza-se na microrregião do vale do Cariri cearense ao extremo sul. Na atualidade, é constituída, além deste, pelos seguintes municípios: Missão Velha, Barbalha, Crato, Jardim, Caririaçu e Brejo Santo. O Sertão Sul e o Estado do Pernambuco fazem parte de sua conexão territorial.

Basicamente, esta região possui identificações importantes que tanto marcaram seu arranjo espacial, como, influenciou no contexto do Juazeiro do Norte-CE, que por sua vez o território deste pertencia ao município do Crato, outrora, província da colônia brasileira. O Cariri cearense era habitado por índios e no território do Crato existem registros da ocupação dos índios Kariris.

A Igreja Apostólica Romana estava em missão contra a reforma protestante com o projeto de catequização. Em 1688 no século XVII os índios começaram uma revolta e esta foi contida por forças da capitania lideradas por dois capitães mores pernambucanos: André Pinto Correia e Pedro Aranha Pacheco.

Com as medidas de repressão na região contra a revolução indígena e o estabelecimento da paz para o colonizador. “Os portugueses poderão expandir suas habitações, também pelo sertão instituindo um novo espaço de produção econômica de fazendas de gados, vacus e cavalares.” (Couto, 1920: 119, *apud*, Alves, 2013:13)

Tanto Exú – Pe no sopé da Serra do Araripe divisa com o Crato-CE e o Vale do Pajeú, fazenda que servia de centro para várias estradas que se cruzavam entre os Estados do Pernambuco, Ceará e Paraíba, foram fundamentais suas relações, principalmente, econômicas, na cultura do sertão do sul do Ceará, contribuindo à formação do Vale do Cariri.

A economia que prevalecia era a criação de gado precisando para tal a formação de currais com pastos. No Vale do Cariri a água, tanto subterrânea como superficial formavam rios perenes e o solo era fértil fazendo com que estes tornassem condições ideais para o gado. Fatores de extrema riqueza para o contexto sertanejo nordestino brasileiro.

Embora enfrentasse problemas e desconfortos sociais com a seca estava claro que esta representava uma fisionomia geográfica peculiar.

Apesar de não ser uma área de grandes latifúndios devido a fragmentação hereditária de terras como seria comum na época da economia agrícola nordestina brasileira.

A realidade ambiental da região tornou-se, sobretudo, um atrativo à sobrevivência do homem do sertão. Mas, na controvérsia em meio a salvação dos infortúnios da seca e a desordem social. A formação social do Vale do Cariri é questionada e desperta preocupação de alguns. Conforme Girão (2001, p.3): “...o fenômeno do deslocamento das populações vizinhas atraídas pelos privilégios do Vale, no meio delas milhares de vadios e malfeitores. Afeitos à prática de ‘furtos, de roubos de assassinios, e em geral de todos os crimes praticados pelos perversos’.”

Paralelos aos acontecimentos de formação social, política e econômica na região surgiram outro fenômeno responsável tanto pelo crescimento demográfico como pelas novas contribuições àqueles - O misticismo religioso em Juazeiro do Norte.

Girão (2001) suscita: “A formação psicossocial do caririense havia ocorrido no Cariri por várias circunstâncias mais a exacerbação religiosa teve o seu vértice na aglomeração dêmica de Juazeiro, em torno do Padre Cícero Romão, que é o seu místico representativo.” (p. 3 - 5).

Uma forte contribuição para o povoamento do Vale do Cariri foi o fenômeno religioso ocorrido em Juazeiro do Norte. Enfatiza mais uma vez Alves (2013):

“O Vale do Cariri é o centro de convergência das populações da bacia do São Francisco, atraídas, durante mais de meio século, pela lenda de Juazeiro do Padre Cícero. Homens das populações rurais de Alagoas, Paraíba, Baía, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Piauí e

outros Estados remotos como Goiás, procuravam a cidade cariense para pagar suas promessas, consulta ao Padre Cícero e transações comerciais. Dezenas de Milhares vieram pelas estradas velhas dos sertões a procura de um alívio para o espírito, sequioso de uma comprovação das verdades espirituais. [...] A influência que exerceram essas migrações de caráter religioso, foi notável pela persistência de seu reflexo na vida regional.” (p.17).

Todos esses “desconfortos sociais ou não” de concentração populacional colocaria a região do Cariri como a segunda maior do Estado do Ceará conforme estudos feito por Dr. Pompeu Sobrinho: a densidade demográfica em Fortaleza seria de 66; Vale do Cariri de 33 e Serra grande 24. Em números relativos a população cearense 17,5%; a cariense 15,6% e outras 12%. Um demonstrativo do andamento de crescimento populacional da região.

Nos censos realizados por Joaquim Alves em 1890, 1900, 1920 e 1940, quando surge além de outros municípios membros da Região do Cariri, o Juazeiro do Norte, em 1920, já legalmente oficializado enquanto município, demonstra uma representatividade populacional considerável no contexto regional com 20. 044 habitantes.

O município nesta época, em segundo lugar populacional entre os demais, não se pode negar desde então, que o fenômeno migratório religioso foi inerente a sua historia, a sua formação espacial urbana e para o Carri cearense.

O Padre Cícero, a religiosidade e Seu Lugar

As mudanças na conjuntura política no Brasil ligada a estrutura do regime governamental; a redefinição do Estado e da igreja, e as mudanças nas bases das classes sociais serviram de cenário às ideologias: religiosa, política, social, cultural e econômica. A atuação do Pe. Cícero na formação de Juazeiro do Norte ocorre neste contexto não somente com notoriedade nacional, mas, internacional.

Falar da trajetória da produção do espaço urbano da cidade Juazeiro do Norte-CE e sua importância regional e nacional na atualidade torna-se indissociável da própria historia de seu fundador Pe. Cícero Romão Batista. Segundo muitos historiadores ambos tornam-se um fenômeno por si só, porém, não tão significantes em suas dimensões simbólicas se pensados isoladamente.

As conexões entre o padre, o seu lugar no seu tempo estão enviesadas na religiosidade tradicional do catolicismo e suas novas práticas juntamente com as origens da produção econômica na cidade nos contextos sociais, políticos e econômico regional debatido antes. A fé e o trabalho, portanto, passam a ser as dimensões que deram forma a Juazeiro do Norte.

Pe. Cícero nasceu no município de Crato-CE em 24 de março de 1844. Em 1870 tornou-se sacerdote pelo seminário da Prainha na capital Fortaleza-CE. No dia 24 de dezembro de 1871 celebra pela primeira vez uma missa no sítio Tabuleiro do Norte. Um lugarejo que surgiu como tantos outros no Nordeste com uma capela construída na fazenda para homenagear a santa padroeira. O povoado continha “doze casas de tijolos e telha e vinte de taipa e palha”. ([EMB], 1959, p.331).

Estas casas humildes de aparência encontravam-se nas mediações da capela de Nossa Senhora das Dores construída pelo Brigadeiro herdeiro das terras do sítio Tabuleiro. Um lugar cercado de terras férteis e servido a pequena distância de mananciais perenes. Era, todavia, retardada, ignorante e pobríssima a sua população. (Sobreira, 1969)

Segundo este mesmo autor: “Joaseiro seria um arraial desprezível insignificante até a chegada do Pe. Cícero em 1872.” Lugar onde ele passaria a residir até o tempo de sua morte em 1934.

Convidado a celebrar uma missa de natal no lugarejo Pe. Cícero tem um sonho que considerou como uma revelação divina em que Jesus o ordenaria que tomasse de conta do povo daquele lugar. Acreditando nesta revelação o padre passa a fazer parte da historia de Juazeiro.

A origem da população que constituía Juazeiro era de escravos alforriados e seus descendentes. A conduta social destes era imoral segundo os padrões da moralidade cristã.

Barros (2008), “os habitantes não primava pela repetição em suas práxis de vida, dos ensinamentos dos capelães. Cultivavam hábitos de samba e cachaçadas nas horas de lazer e viviam em promiscuidade.” (p.129). Somada a esta condição totalmente fora da boa conduta moral pregada pela igreja a escassez de recursos econômicos foram os maiores desafios encontrado pelo sacerdote.

O padre inicia um trabalho de combate aos hábitos que ele considerava pecaminosos, ao mesmo tempo em que exortava o povo ao trabalho, pois, tinha neste e na reza a fonte de purificação e santificação da alma, do corpo e do espírito. A partir do momento em que receberá uma revelação divina em um sonho.

Assim, foi o lema do Pe. Cícero em reorganizar social e economicamente o povoado em crescimento.

O apagar das luzes do regime imperialista ao regime republicano, a separação da Igreja e o Estado e instauração do culto livre no Brasil. (VIEIRA, *apud*, BEOZZO, 2004, p. 32). Este último ligado diretamente as práticas religiosas populares manifestadas no sertão do nordeste brasileiro com Pe. Ibiapina e Pe. Cícero.

Contudo, seria a seca de 1877-1880 que colocaria o Pe. Cícero defronte a uma realidade cruel e desafiadora, embora, outras secas ocorressem posteriormente. Elenquanto mentor espiritual e líder da comunidade se deparava com o desafio de organizar e manter a ordem do lugar e sua população em meio a toda calamidade trazida pela seca.

Em carta escrita a Dom Luís, o sacerdote relata: “Eu nunca pensei ver tanta aflição e desespero juntos; os cães saciam-se de carne humana, nos caminhos, no campo. Por toda parte, é um cemitério e o que mais aflige é que nem ao menos têm as consolações da Fé [...]” (CRA 03,05: 20 de fevereiro de 1878, *apud*, Guimarães, p.91).

Padre Cícero, contudo, foi criando um ambiente possível de sobrevivência no sertão capaz de torná-lo um espaço atrativo mediado pela fé e trabalho. Uma corrente migratória conhecida como nação romeira vinda de todo Nordeste passa a construir e compor a identidade local. Para o romeiro vocacionado Juazeiro do Norte seria o lugar da salvação.

Surge em seu mundo simbólico uma nova Jerusalém. “Um refúgio dos naufragos da vida. Tem gente de toda parte que, modestamente, vem abrigar-se debaixo da proteção de SS. Virgem.” (SAL 25, 17 18 de julho de 1918, *apud*, GUIMARÃES, p.51)

Os acontecimentos ligados iria mostrar a capacidade não só administrativa, mais, política do padre que já era admirador e seguidor da obra missionária assistencialista do padre Ibiapina - um sacerdote que passa a fazer missão de maneira diferente em todo sertão nordestino.

Em torno de tantos conflitos políticos, a sedição de Juazeiro, e desafios religiosos, o milagre de hóstia de sangue, propagaram a imagem do padre e seu lugar, a cidade de Juazeiro do Norte passando a ganhar notoriedade tanto regional como nacional.

O seu crescimento é um fenômeno urbano e sua representatividade econômica, social, cultural e política no recorte regional caririense é destaque.

Juazeiro do Norte e Seu Contexto Atual

O município Juazeiro do Norte, atualmente, faz parte da região metropolitana do Cariri – outro recorte espacial da região – sua importância geopolítica, econômica e de conflitos espaciais marca o seu mais novo cenário na produção do seu espaço urbano. Tendo dessa forma um novo momento: as multiespacialidades do capital.

Nos últimos anos a reprodução do espaço urbano em Juazeiro do Norte é marcado de grande especulação imobiliária, de crescimento industrial e outras demandas de serviços que se justapõem ao

fluxo da fé. Sinalizando em sua paisagem urbana uma soma da singularidade das manifestações religiosas (romarias) com a nova dinâmica enxertada pelo capital.

A implantação de empresas (nacionais e transnacionais), faculdades, universidades, shopping centers e empreendimentos imobiliários de condomínios de luxo e populares contrapõem-se com algumas deficiências de ordem social: saneamento, água potável, deficiência na disposição de lixo, congestionamento no trânsito e irregularidades no solo urbano.

Um crescimento acelerado da dinâmica urbana de Juazeiro do Norte/CE torna-o um lugar do capital, espacialmente complexo, e coloca o discurso de desenvolvimento em foco de crítica. Neste caso específico de contrariedade existe uma imagem que se cria da sua evolução social, econômica e política da cidade por meio da paisagem urbana que se produz e se transforma celeremente.

Considerações Finais

O texto procurou apontar as marcas da religiosidade no território de Juazeiro do Norte-CE e como essa pode ser usada como uma ferramenta de poder sobre a produção do espaço geográfico.

O elo entre espaço geográfico e religiosidade fornece um material rico que deve ser explorado na perspectiva de produção socioespacial. As manifestações do culto ao sagrado dentro dos rituais de uma prática religiosa só podem ser entendidas no lugar da sua manifestação. Nas marcas no espaço, no conjunto de sua paisagem, no seu tempo e por meio das particularidade de sua cultura.

A religião traduz ao mesmo tempo o sagrado e o profano, portando, perceptível no processo histórico de Juazeiro do Norte. Sabendo que quando se percebe as manifestações no mundo místico da fé e suas representações simbólicas no espaço, também, é possível compreender as dimensões econômicas e políticas que se apropriam daquela.

Referências Bibliográficas:

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. (2007). *Preconceito Contra a Origem Geográfica e de Lugar*. São Paulo: Cortez.

ALVES, Joaquim. Juazeiro, Cidade Mística. Disponível em: http://www.institutodoceara.org.br/asp/index.php?option=com_wrapper&view=wrapper&Itemid=1340. Acesso: 13 de dezembro de 2013.

ANDRADE, Manuel Correia de. (1976). *O planejamento regional e o problema agrário no Brasil*. São Paulo: Hucietc.

BARROS, Luitgarde Oliveira Calvalcanti (1988). *A terra da mãe de Deus*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

BONNEMAISON, J. R. (1981). "Voyage autor du Territorie". *L'Espace Géographique*, Tome X, (4).

BEOZZO, José Oscar. *Padre Cícero nos textos e no contexto do seu tempo*. In: *Anais do III Simpósio Internacional sobre o Padre Cícero do Juazeiro: e...quem é ele?* DUMOULIN, A. GUIMARAES, A. T., FORTI, M.C.P (orgs). (2004). Banco do Nordeste, Juazeiro do Norte-CE.

DUMOULIN, A. GUIMARAES, A. T., FORTI, M.C.P (orgs). (2004). *Anais do III Simpósio Internacional sobre o Padre Cícero do Juazeiro: e...quem é ele?* Banco do Nordeste, Juazeiro do Norte-CE.

- GEERTZ, C. (1989). *A interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro, LTC-Livros Técnicos e Científicos.
- GIRÃO, M. G. S. (2001). “*O Sagrado e o Urbano: Fé e Tradição no Espaço do Outeiro*”. Espaço e Cultura, Rio de Janeiro, NEPEC/UERJ.
- GUIMARÃES, Therezinha Stella; DUMOULIN, Anne.(org). (1983). *O Padre Cícero por ele mesmo*. Rio de Janeiro: Vozes.
- ECICLOPÉDIA DOS MUNICÍPIOS BRASILEIROS. Volume 16 – CE, Rio de Janeiro, 1959.http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/EMB-Enciclopedia%20dos%20Municipios%20Brasileiros/EMB_Volume16_CE.pdf. Acesso: 13 de dezembro de 2012.
- NETO, Cícinato Ferreira. (2006). *A tragédia dos mil dias: a seca de 1877-79 no Ceará*. Fortaleza, Premius.
- ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). (2011). *Paisagem, Imaginário e Espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ.
- ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). (2001). *Paisagem, Textos e Identidade*. Rio de Janeiro: EdUERJ.
- ROSENDAHL, Zeny, (2001). *Religião, Identidade e Território*. Rio de Janeiro: EdUERJ.
- SANTOS, Milton. (2009). *A Urbanização Brasileira*. 5ª ed., 2. reimp. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo.